

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES/ PROMOÇÃO DA CONVIVÊNCIA NAS ESCOLAS – UM PROJECTO COLABORATIVO

Isabel Freire

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
isafrei@ie.ul.pt

Ana Margarida Veiga Simão

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
amvsimao@fp.ul.pt

Ana Paula Caetano

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
apcaetano@ie.ul.pt

Ana Sousa Ferreira

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
anaf@campus.ul.pt

Ana Cardoso

Bolseira da Fundação Amadeu Dias
anakristyna@hotmail.com

Sérgio Gouveia

Aluno de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
sergiogou@gmail.com

Resumo

Neste artigo apresentamos um projecto iniciado em 2004, por docentes da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa¹. Pretendendo-se estudar a problemática da violência entre pares na escola, este projecto inscreve-se numa perspectiva de educação para a paz e de construção de um clima de bem-estar e convivência nas escolas. Tem como princípio orientador o da colaboração entre as universidades e as escolas, quer para a identificação e

¹ Em 2009, a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa foi extinta e deu origem a duas unidades orgânicas: o Instituto de Educação (juntamente com o antigo Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) e a Faculdade de Psicologia. Este Projecto tem sido financiado pela Unidade de I&D de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.



compreensão mais aprofundada dos problemas, quer para a criação de projectos de mudança. O seu desenvolvimento, em contextos escolares diversos, organiza-se em duas fases distintas, que aqui vamos apresentar. Também referiremos os principais resultados de cada uma delas e dos subprojectos que lhe dão corpo, até agora produzidos.

Palavras-chave: *Bullying*; Violência entre pares; Educação para a convivência; Colaboração universidade-escolas.

Abstract

This article presents a project started in 2004 by teachers of the Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Lisbon. The main goal was to study the problem of peer violence at school. Nevertheless, an approach to education for peace and the will to develop a climate of well-being and harmony in school, underlying this project. Collaboration between universities and schools is a guiding principle of this project, both for the identification and understanding of the problems, both for the creation of change projects. Its development in various school contexts (subprojects) and is organized into two distinct phases, which we present here. Also refer the main results of each of the subprojects, far produced.

Keywords: Bullying; Peer violence; Education for coexistence; Cooperation between universities and schools.

Justificação do Projecto e Enquadramento da Problemática

A proliferação de estudos sobre o fenómeno *bullying* e sua divulgação, quer em revistas científicas, quer nos meios de comunicação social, tem vindo a proporcionar uma efectiva disseminação do conhecimento e uma consequente sensibilização dos educadores e da opinião pública sobre este problema tão preocupante que, não sendo novo, é cada vez mais bem conhecido pelos educadores e pela sociedade em geral.

Na sequência dos estudos pioneiros escandinavos, iniciados na década de 70, por Olweus e colaboradores, muitos outros foram realizados em diferentes países (e.g. Olweus, 2000; Smith & Sharp, 1998; Ortega Ruiz, 1998; Borg, 1999) e também em Portugal (e.g. Pereira, Almeida, Valente & Mendonça, 1996; Costa & Vale, 1998;



Pereira, 2002, 2008; Martins, 2009). A maior parte destes estudos apoia-se em investigação sobre amostras extensas e preocupa-se em dar uma imagem da prevalência do fenómeno nos diversos níveis etários e de escolaridade diversos, bem como dos factores que lhe estão associados.

Se compararmos os resultados obtidos na maior parte dos estudos internacionais com os dos estudos portugueses, observamos que a prevalência do bullying nos primeiros se situa entre os 10 e os 15% (relativamente às amostras estudadas), com uma tendência de declínio do problema ao longo da escolaridade, enquanto nos estudos portugueses se situa nos 21% e não se evidencia esse declínio (Almeida, 1999).

No final da década de noventa, num estudo comparativo de carácter internacional, Portugal apresentava uma prevalência de *bullying* bastante superior à observada nos outros países (Almeida et al, 1996, cit. por Smith & Madsen, 1999), o que nos pareceu poder dever-se ao tipo de instrumentos de recolha de dados e ao tipo de análise dos mesmos poder enviesar a realidade, fazendo coincidir o *bullying* com a violência em geral (incluindo a ocasional). Na verdade, faltava um instrumento de recolha de dados aferido para a população escolar portuguesa, pós primeiro ciclo do ensino básico.

Este pressuposto e esta constatação levou-nos a tomar como um dos objectivos deste projecto, a construção de um instrumento (questionário) para estudo do fenómeno em extensão, que viesse a permitir estabelecer a distinção entre o *bullying* e a violência não sistemática. Outra preocupação que nos impulsionou foi a de criar um instrumento que pudesse não só caracterizar o fenómeno, os intervenientes e os factores que lhe estão associados, mas que também permitisse uma contextualização do mesmo, recolhendo informação sobre o ambiente relacional dos contextos escolares.

Na construção deste questionário houve, ainda, a preocupação de recolher informação não apenas sobre as vítimas e os agressores, como sobre os observadores. No desenvolvimento deste projecto, moveu-nos não só a vontade de contribuir para um melhor conhecimento da problemática da violência entre pares, como a de contribuirmos para uma educação para a paz e a convivência. Neste sentido, o conhecimento do papel dos alunos-observadores e dos ambientes relacionais é muito importante para a definição de estratégias de formação para a cidadania, em todas as escolas, mas particularmente naquelas onde a violência tem



uma maior expressão.

Estabelecemos ainda como objectivo metodológico do projecto, a experimentação de outros meios de investigação (observações naturalistas, análise de desenhos, *focus group*), no sentido de se contribuir para ultrapassar a falta de estudos de natureza qualitativa e interactiva.

Finalmente, este projecto decorre também da necessidade de resposta a pedidos feitos por escolas no sentido de se desenvolver uma colaboração entre estas e a universidade. Nesta conjuntura, pretendeu-se associar ao estudo do *bullying* e da violência em geral a intervenção nas escolas no sentido da melhoria da convivência e da educação para a paz.

O desenvolvimento do projecto, nomeadamente o impacto da publicação do questionário (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006), a nível nacional e internacional, teve como consequência o seu alargamento a uma parceria com investigadores brasileiros da Universidade de Campinas, São Paulo.

Assim, os objectivos do projecto foram sendo alargados, pelo que podemos equacioná-los, no seu conjunto, do seguinte modo:

- Contribuir para o conhecimento das relações entre os alunos nos diferentes níveis do ensino básico.
- Conhecer a incidência das situações de violência entre pares nas escolas portuguesas, designadamente do fenómeno *bullying*.
- Comparar a incidência de violência entre pares em escolas portuguesas e brasileiras.
- Desenvolver parcerias e projectos de colaboração com as escolas.
- Construir e experimentar novos instrumentos e dispositivos de investigação e de intervenção face ao *bullying*.

Estes objectivos articulam-se com um conjunto de questões de investigação orientadoras do projecto, das quais destacamos:

- Como se caracterizam as relações entre as crianças ou os adolescentes na escola?
- Qual a incidência da violência entre pares e do *bullying*, em particular, nas escolas portuguesas e brasileiras?

- Como se organiza o espaço de recreio nas escolas? Como se relaciona o uso dos espaços de recreio com o problema do *bullying*?
- Como é que o desenvolvimento de processos de colaboração entre a escola e a universidade poderá melhorar a convivência entre alunos nas escolas?

Fases do Projecto

Os objectivos do projecto foram sendo alargados fruto da dinâmica do seu próprio desenvolvimento. Assim, poderemos organizá-lo em duas fases distintas e em 4 subprojectos de certo modo autónomos, conforme se ilustra na figura 1.

Na primeira fase, de 2004 a 2006, desenvolvemos um estudo de caso em resposta ao pedido de uma escola do 3º ciclo e secundário da cidade de Lisboa, no sentido de a apoiarmos no diagnóstico das situações de violência entre pares na população estudantil que compunha as turmas do 3º ciclo do ensino básico. A razão deste pedido deveu-se a uma preocupação com o que os professores e órgãos de gestão consideravam ser um crescimento da agressividade entre os alunos.

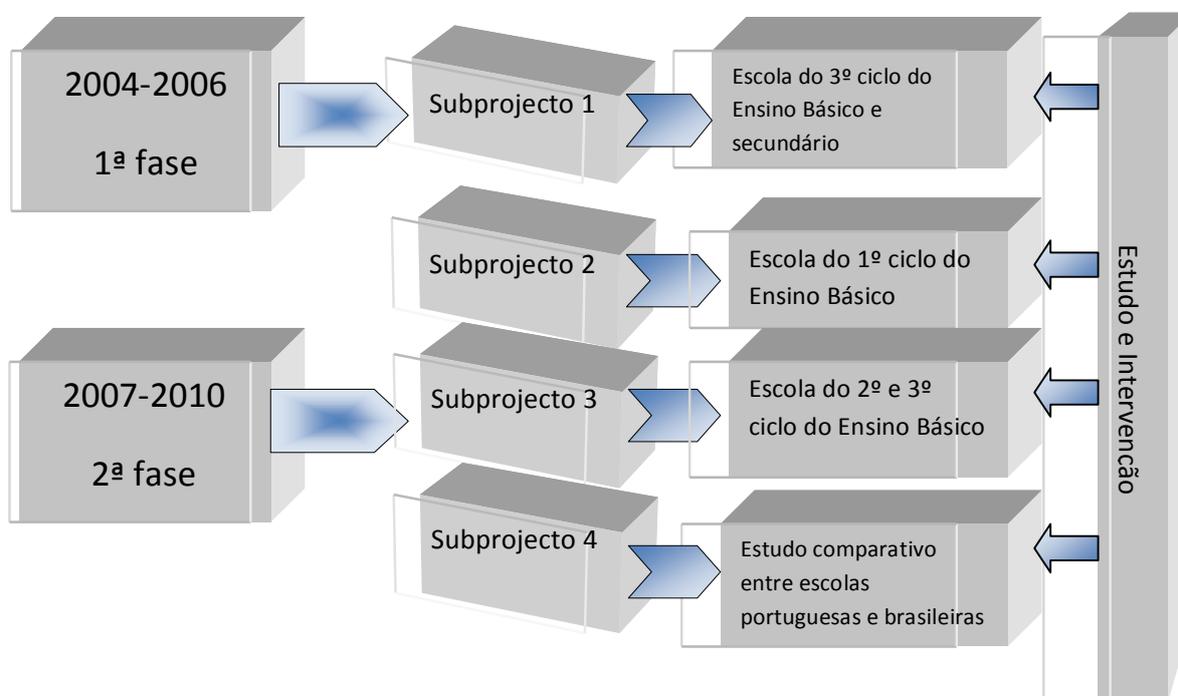


Figura 1 – Esquema global do projecto



Num primeiro momento, procedemos à construção de um questionário aferido para a população deste ciclo de estudos, que foi depois aplicado a 242 alunos. O estudo de caso, realizado a pedido da escola, teve ainda uma dimensão de investigação-formação.

Em 2007 iniciámos outros estudos de investigação-formação, em parceria com duas escolas do ensino básico (uma do 1º ciclo e outra do 2º e 3º), nos quais foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de dados: questionários² observação naturalista³, entrevistas *focus group*⁴ e desenhos⁵ realizados pelas crianças. Os dados dos questionários foram sujeitos a análise de natureza quantitativa descritiva. Os dados obtidos através das observações naturalistas, das entrevistas e dos desenhos foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo, organizando-os pelos temas: i. relações interpessoais entre as crianças (categorias: relações de convívio e agressividade (no que diz respeito às relações entre as crianças); ii. actividades de recreio; iii. espaços de ocorrência de *bullying* e iv. supervisão por parte dos adultos.

O estudo realizado na escola do 1º ciclo constitui o *subprojecto 2* e aquele que foi realizado na escola do 2º e do 3º ciclos - o *subprojecto 3*.

Neste ano, também iniciámos uma parceria com uma equipa de investigação da Universidade de Campinas (São Paulo, Brasil), com vista a um estudo comparado entre a realidade brasileira e portuguesa (*subprojecto 4*). No âmbito deste subprojecto, foi feita a adaptação para a variante brasileira da língua portuguesa do questionário construído na primeira fase, que foi aplicado a cerca de 400 alunos de escolas brasileiras.

Apresentamos seguidamente alguns dos resultados obtidos em cada um dos

² Nos projectos desenvolvidos em escolas do 2º e do 3º ciclos do ensino básico foi aplicado o questionário da autoria de Freire e Veiga Simão (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006). No projecto realizado numa escola do 1º ciclo do ensino básico foi aplicado o questionário da autoria de Pereira e Almeida (Pereira, 2002, 2008).

³ Com o apoio de 4 estudantes do 3º ano da licenciatura em Ciências da Educação foram realizadas duas observações naturalistas no recreio da escola, cada uma com a duração de 30 minutos. Como é próprio da observação naturalista, foi feito o registo mais fidedigno possível das situações no seu ambiente natural, focando a observação no relacionamento entre as crianças e entre estas e os adultos.

⁴ Mais adiante, na apresentação do *subprojecto 3*, detalhamos os procedimentos utilizados na realização destas entrevistas.

⁵ Os desenhos foram pedidos a uma turma de crianças do 4º ano (que apresentava maior incidência de *bullying*) por uma das investigadoras. As crianças tiveram aproximadamente 20 minutos para realizar a actividade proposta. Foi fornecido uma folha branca com um cabeçalho onde era pedido o registo do nome, da data e constava a seguinte frase: "Faz um desenho sobre a tua turma, na sala de aula ou no recreio". Os alunos utilizaram os seus materiais para desenhar (lápiz de cor, canetas de filtro e lápis).



subprojectos.

1ª fase – Parceria com uma Escola do 3º ciclo do Escola Básico (subprojecto 1)

A aplicação do questionário a 242 alunos deste ciclo de estudos evidenciou um conjunto de aspectos que foram publicados em artigo científico pela Revista Portuguesa de Educação (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006), conjuntamente com o próprio questionário. Desses resultados destacamos a evidência de que os alunos deste ciclo de estudos, na sua maior parte (68,6%), são observadores frequentes de situações de violência entre pares. Destacamos igualmente que, enquanto a prevalência da violência entre pares se situava no valor de 45% da amostra em estudo (242 alunos), a dos maus-tratos entre pares ou *bullying* situava-se no valor de 7%. O nível relativamente baixo de casos de maus-tratos sistemáticos observado nesta escola poderá estar associado à existência de um ambiente relacional que é considerado bastante positivo pelos alunos. A análise de conteúdo das respostas às questões abertas do questionário revelaram uma predominância de uma representação positiva quer do clima das turmas, quer do clima relacional da escola no seu todo.

Os resultados também nos dão uma leitura das tendências de evolução destes problemas ao longo deste ciclo de estudos (do 7º para o 9º ano). Com base neles, poderemos dizer que, ao longo deste ciclo de estudos, os alunos em geral vão vivendo cada vez menos situações de agressão, enquanto o pequeno grupo de alunos que vivencia situações de agressão sistemática (quer como vítimas quer como agressores) parece ter uma certa tendência para aumentar em número e também na gravidade das situações de agressão. Estes dados levam-nos a sublinhar a necessidade de se olhar criteriosamente para as situações vividas por estes adolescentes, porquanto elas se revelam tão marcantes para nas suas vidas presentes e futuras. Esse olhar criterioso exige capacidade de diagnóstico por parte dos educadores e gestores das escolas, bem como a implementação de respostas educativas específicas, que dêem apoio e que contribuam para o desenvolvimento equilibrado de todos os alunos nelas envolvidos (quer como vítimas, quer como agressores).

Outro aspecto analisado foi a relação entre género e a vivência de situações de violência, nomeadamente maus-tratos entre pares. Enquanto a agressividade entre alunos, genericamente considerada, não é experienciada de forma muito diferente pelos dois géneros, já no caso do *bullying* existe uma tendência para as alunas



estarem mais envolvidas em situações de agressão indirecta e os alunos em situações de agressão física, quer como vítimas, quer como agressores; as alunas envolvem-se especialmente em situações de *bullying* indirecto e de agressão verbal. Ao contrário do que referem muitas investigações, na população estudantil desta escola os maus-tratos entre iguais não são um fenómeno predominantemente masculino; se é certo que o género masculino é predominante no grupo dos agressores, já o grupo das vítimas surge como predominantemente feminino (se bem que mais associado à agressão não física).

A agressividade, no ponto de vista dos alunos, parece estar muito associada à falta de auto-controlo, o que pode justificar-se pelas características da idade dos alunos que agridem, que se situa predominantemente entre os 13 e os 16 anos.

Também a variável origem étnico-cultural parece ter alguma relação com a vivência de situações de violência. Os alunos de outras origens, que não a autóctone (neste caso a lusa), tendem a sentir-se mais vítimas dos seus colegas, quando consideramos a agressão não sistemática. No caso do *bullying* observou-se uma importante associação entre o estatuto de vítima e a origem asiática e entre o estatuto de agressor e a origem lusa ou de outros países da União Europeia.

Os maus-tratos entre iguais são um fenómeno que atravessa todos os estratos sociais. Parece, contudo, existir uma ligação entre o estatuto de aluno-vítima e famílias monoparentais ou ausência simultânea das figuras paterna e materna, quanto aos alunos com estatuto de agressores tendencialmente vivem com ambos os pais.

Os resultados desta fase do estudo foram apresentados na escola numa sessão colectiva de reflexão sobre a problemática. Posteriormente, os órgãos de gestão da escola tomaram a decisão de criar um Gabinete de Gestão e Mediação de Conflitos.

2ª fase – Parceria com duas outras escolas

Como já dissemos acima, nesta fase o projecto alargou-se a duas outras escolas, uma do 1º ciclo e outra do 2º e do 3º ciclo do Ensino Básico. Num primeiro momento o objectivo foi o de fazer o diagnóstico da situação de cada uma delas no campo das relações entre alunos, nomeadamente da problemática da violência, a fim de, num segundo momento, se definirem e desenvolverem planos de intervenção.



Escola do 1º ciclo do Ensino Básico (subprojecto 2)

Foi aplicado o questionário de Pereira e Almeida (Pereira, 2002, 2008), a todas as turmas desta escola (179 respondentes).

Numa primeira análise das relações entre as crianças desta escola (Quadro 1), observa-se que a maior parte se sente socialmente enquadrada, dizendo ter amigos para brincar, brincar àquilo que gosta e ter espaço para o fazer. Contudo, para os educadores tais resultados não podem ser tranquilizadores, pois que todas as crianças têm direito ao bem-estar social e pessoal, na escola, e as amizades e as actividades lúdicas são fundamentais. Assim, o facto de cerca de 9% das crianças desta escola nos darem sinais de que não se sentem felizes é motivo de preocupação.

Quadro 1 – Amizades e brincadeiras

| Itens do questionário | Sim (%) | Não (%) |
|--|--------------|---------------|
| Tenho amigos para brincar. | 92,42% | 7,58% |
| Andam atrás de mim para se meterem comigo. | 9,95% | 90,05% |
| Posso brincar àquilo que gosto. | 89,10% | 10,90% |
| Há muitos meninos, por isso, não há espaço para brincar. | 9% | 91% |
| Os meninos só gostam de brincar às lutas e aos empurrões. | 58,10% | 41,90% |
| Brinco com os amigos. | 91,47% | 8,53% |
| Os meninos e as meninas têm espaço no recreio para brincar a coisas diferentes | 91,59% | 8,41% |

Sabemos que as pequenas brigas e lutas são naturais entre as crianças, particularmente entre os rapazes, nesta fase do desenvolvimento. Mas, questionamo-nos sobre que significado efectivo tem o facto de 58,1% das crianças responderem que “os meninos só gostam de brincar às lutas e empurrões”. Que expressão terão as brigas e os jogos mais ou menos rudes, que não contêm em si a intenção de humilhar ou de magoar o outro? Que expressão terão as situações de agressão, que põem em causa o direito da outra criança a ser respeitada e a ter um ambiente de aprendizagem



seguro, em que se sinta bem e confiante? Que expressão tem a vivência entre as crianças de situações sentidas como violentas, nesta escola?

Grande parte das crianças (53,1%) consideram ter estado ocasionalmente envolvidas em situações de violência com os colegas, a maior parte como agressores (45,1%).

Uma análise mais fina dos dados leva-nos a inferir que 21,9% das crianças estiveram envolvidas em situações de *bullying*, a maior parte como vítimas (28 crianças -15,6%). Por comparação com outros estudos internacionais neste nível de escolaridade, verifica-se que nesta escola existe uma prevalência mais elevada de *bullying*, se bem que com um valor muito próximo dos estudos feitos em extensão em escolas portuguesas com este nível de escolaridade.

Neste estudo, a utilização de desenhos⁶ das crianças forneceu-nos indicadores importantes sobre espaços de ocorrência de *bullying* não detectados a partir dos dados do questionário, que constituem pistas para a intervenção. Os desenhos revelam alguma violência física, mas é mais patente a existência de crianças sozinhas, isoladas (mais do que se observou directamente). O desenho de uma criança com deficiência (figura 2) desvendou a importância de um local da escola do qual não havia consciência de que pudesse constituir um espaço de sofrimento para aquela criança, exigindo uma vigilância mais informada e próxima.

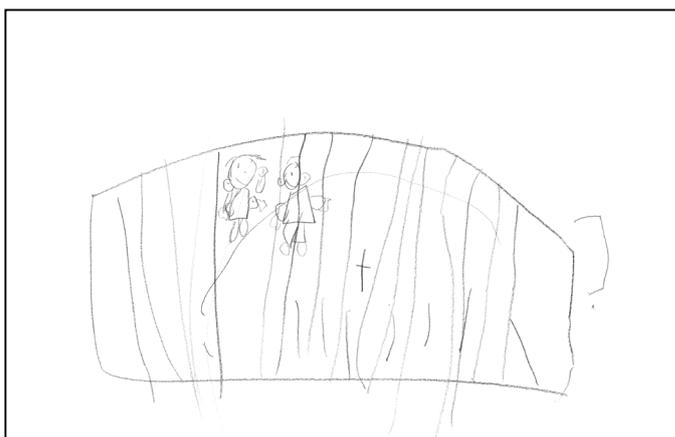


Figura 2 – Aluno que sofreu uma agressão num túnel da escola. O desenho retrata a agressão. Os bonecos representados são o aluno e a pessoa que pediu para fazer o desenho. A cruz simboliza uma pista, como nos jogos de estratégia. O ponto de interrogação poderá estar relacionado com a agressão, dúvidas da situação.

⁶ Na aplicação desta técnica, bem como nas observações naturalistas tivemos a colaboração de Ana Cardoso, Helena Guedes e Joana Valpaços, estudantes do 3º ano da licenciatura em Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, que participaram neste projecto no âmbito da unidade curricular Relação Educativa.

A análise dos desenhos (caixa 1) e das observações naturalistas (caixa 2), conjugadas com a análise de dados do questionário, permitiram igualmente apreender as características do espaço de recreio.

Caixa 1 – Análise dos desenhos dos alunos de uma turma do 4º ano

A maioria dos alunos retrata nos seus desenhos o recreio; apenas 2 crianças desenharam a sala de aula, um menino e uma menina.

Os desenhos são na sua maioria coloridos, podendo demonstrar alegria na escola. O espaço escolar é bastante amplo e apresenta diversos espaços verdes, tais como árvores de grande e pequeno porte, pequenas plantas, etc. Estas características são bastante evidentes nos desenhos elaborados pelos alunos.

As crianças retrataram nos seus desenhos as árvores, as nuvens, os pássaros, o céu azul, o sol, a relva e o campo de futebol (Figura 3). Estes são os espaços preferidos pelos alunos, que representam com crianças a realizar as suas brincadeiras (exemplo: jogo de futebol, jogo das escondidas, entre outros).

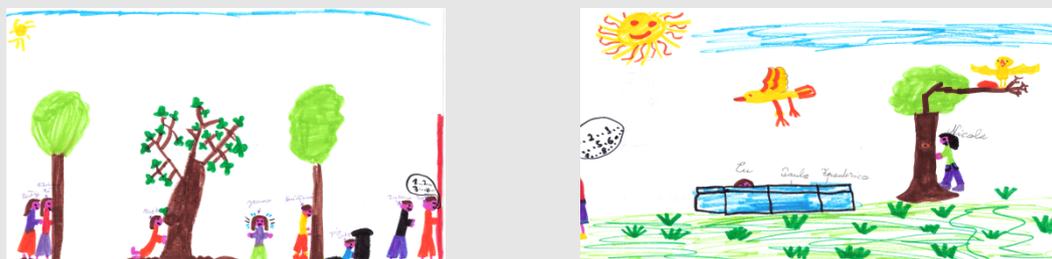


Figura 3 – Exemplos de desenhos das crianças

No entanto, cerca de 7 meninos realizaram os seus desenhos em tons de cinzento. Estes poderão representar tristeza, mal-estar na escola, alguma preguiça, ou mesmo falta de tempo para investir na estética do desenho.

Quanto aos grupos representados, apenas duas crianças, uma de cada género, representaram a turma toda mas é de realçar o desenho de um menino, que se desenhou num espaço onde se encontra sozinho. Apesar de observarmos cores no desenho, este desenha-se a si próprio no campo de futebol sem mais ninguém.

No entanto a maioria das crianças, especialmente as meninas, encontram-se em grupos de mais de 5 crianças, sendo que apenas 6 dos 17 alunos demonstram encontrar-se em grupos que variam entre as 2 e as 4 crianças.



A partir dos desenhos também se pode verificar, tal como na observação, que as actividades realizadas pelos alunos são constantemente as mesmas, havendo pouca variedade. Sendo que os meninos na sua maioria jogam à bola (6 desenhos) e as meninas optam por representar o convívio (3 desenhos), o jogo das escondidas (3 desenhos) ou o estudo (1 desenho).

Quanto ao tipo de grupo ou como este é constituído, verifica-se que as meninas e os meninos demonstram que os grupos formados são mistos, contudo uma boa parte dos meninos apresenta o seu grupo apenas constituído por meninos (4 desenhos).

As observações parecem corroborar as interpretações que fizemos dos desenhos dos alunos. Veja-se a título de exemplo o seguinte registo:

Caixa 2 – Notas de campo a partir de uma observação do recreio

Dia: 8 de Maio de 2009

Tempo de observação: 15 minutos

Observadoras: Ana, Helena e Joana

Pode observar-se que a maioria dos alunos se encontra em pequenos grupos, dispersos por todo o recreio. Observámos 8 vezes crianças a realizarem as suas actividades em grupo. No entanto, identificámos 3 casos em que as crianças se encontram a brincar sozinhas. Uma destas crianças encontra-se ao pé da entrada da escola, sentada no chão a fazer construções com lego. Outra criança, uma menina, não pratica qualquer tipo de actividade, simplesmente está sozinha na parte lateral da escola. As crianças que se encontram sozinhas brincam simplesmente com folhas das árvores.

As actividades mais frequentes são as actividades associadas às novas tecnologias, como a utilização do computador “Magalhães” ou a consola *Playstation*. Este tipo de actividades é realizado em grupo de 3 ou 4 elementos.

Encontram-se também grupos de alunos que jogam à bola ou envolvidos em actividades mais associadas ao jogo rude, visto que os alunos, especialmente os meninos brincam muito ao *Wrestteling*.

Depois ainda se podem encontrar actividades, em menor número, tais como o jogar às cartas e o passear pelo espaço do recreio.

Na generalidade, os alunos brincam com colegas da mesma idade, não se verificando



brincadeiras entre mais novos e mais velhos. Os jogos são feitos em grupos compostos por crianças do género masculino e feminino. A utilização das novas tecnologias é feita nas traseiras da escola, sendo que as crianças se encontram sentadas no chão ou em pequenos muros. Não existem mesas disponíveis no espaço escolar, mais precisamente no recreio para que as possam utilizar; assim, as crianças jogam às cartas nas escadas principais, na entrada da escola.

Ao longo das observações feitas verificou-se a presença de auxiliares e de professores nos recreios, mas em pequeno número. O recreio desta escola é uma área bastante ampla e a presença de auxiliares (em grupos de 2) não se verifica em todos os locais. Localizam-se fundamentalmente em três pontos: entrada da escola, parte lateral esquerda e traseiras da escola (campo de futebol). As professoras, também em grupos de duas, fazem pequenas rondas ao longo do recreio.

A triangulação de todo este conjunto de dados levou à identificação dos seguintes problemas:

- As crianças desta escola convivem quotidianamente com situações de violência, sendo mais evidente as que se expressam sob a forma de verbalizações ofensivas e de exclusão social. Pelo menos 8 crianças agredem continuamente alguns dos seus colegas e 28 são vítimas sistemáticas de actos de violência, alguns deles sendo simultaneamente vítimas e agressores.
- Cerca de 10% das crianças sentem que não têm amigos, nem condições para brincar com os seus amigos no recreio.
- As actividades das crianças no recreio são muito pouco diversas, sendo as mais frequentes, jogar futebol, jogos rudes e jogos tecnológicos.
- A supervisão do recreio é limitada, ou pelo menos falta uma supervisão adequada, bem como uma falta de estímulo para a realização de actividades diversificadas e socializadoras por parte das crianças.
- Existe uma falta de soluções para proporcionar bem-estar aos alunos na hora do recreio em dias chuvosos.

A partir do diagnóstico destes problemas e em colaboração com a coordenadora da escola concebeu-se, um plano de intervenção no recreio, que numa primeira fase passou pela organização de um baú de jogos tradicionais, que apresentamos



sumariamente no Quadro 2.

Quadro 2 – Baú de jogos tradicionais

| Actividades | Objectivos | Material |
|----------------------|--|--|
| Baú dos Jogos | <ul style="list-style-type: none"> • Oferecer actividades que estimulassem a organização de brincadeiras em grupo; • Promover a participação das crianças em actividades estruturadas, deixando-lhes simultaneamente um grau de liberdade de acção compatível com a situação de recreio; • Desenvolver um maior e melhor grau de supervisão por parte das auxiliares; • Integrar, em situações de jogos simples e apelativos, as crianças isoladas ou excluídas. | <ul style="list-style-type: none"> • 2 lenços; • 2 cordas; • 2 elásticos; • 2 piões; • 2 coroas; • Cartões numerados de 1 a 8; • Cartão com desenho de um macaco. |
| Jogos | <ul style="list-style-type: none"> • Jogo do lencinho; • Saltar à corda; • Jogo do elástico; • Jogo do Pião; | <ul style="list-style-type: none"> • O Rei Manda; • Futebol Humano; • Macaquinho do Chinês. |

Estas actividades foram planificadas, incluindo a preparação dos materiais, no final do anterior ano lectivo.

Este projecto constituiu mais uma forma de colaboração entre a investigação e a intervenção, sendo a implementação das medidas uma responsabilidade que a escola se propõe promover de seguida. Prevemos, ainda, para favorecer esta mobilização da escola, uma apresentação pública a toda a escola destes resultados e a elaboração de um plano de formação dos próprios agentes educativos.

Escola do 2º e do 3º Ciclo do Ensino Básico (subprojecto 3)

Neste *subprojecto* partiu-se da premissa de que os observadores poderão constituir e integrar uma rede firme de combate ao fenómeno do *bullying*. Inúmeras investigações focam a pertinência do estudo das variáveis agressores e vítimas e o desenvolvimento de programas de intervenção quer para vítimas, quer para agressores, levando-nos a questionar a importância de investigar o papel dos observadores na prevenção de actos agressivos sistemáticos.

Constituíram-se como questões de referência as seguintes: Que influência os sujeitos que observam actos de *bullying* têm na redução da incidência deste tipo de

agressão? Como se comportam? O que pensam e sentem quando vêem situações sistemáticas deste tipo de comportamentos? Como vêem a intervenção dos adultos (Professores, Auxiliares de Acção Educativa e Órgãos de Gestão) e do seu grupo de pares face à problemática do *bullying* e em particular no que se refere aos observadores? Será que não são sujeitos com os quais se pode intervir, primariamente, numa perspectiva preventiva?

Partimos da aplicação do questionário de Freire e Veiga Simão (2006), aos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico (58 respondentes) no ano lectivo 2007/8, para a realização de entrevistas de *Focus Group* no ano lectivo de 2008/9. A utilização das entrevistas de *Focus Group* a dezassete alunos de uma turma do 7º Ano de escolaridade organizados em três grupos de quatro elementos e um grupo de cinco, deu-nos indicadores importantes que permitem equacionar pistas para a intervenção.

No processo de recolha de dados (Quadro 3) tivemos a preocupação de inicialmente estabelecer um clima de respeito mútuo e de relação positiva o que contribuiu para a máxima colaboração dos participantes nesta fase de investigação. No final, para além dos agradecimentos, propusemos aos alunos a participação num jogo lúdico, visando relações sociais mais adequadas e positivas de coesão grupal na resolução de problemas práticos.

Quadro 3 – Organização das entrevistas de *Focus Group*

| |
|--|
| <p>Fase de Preparação das entrevistas de <i>Focus Group</i></p> <p>Sessão com a turma toda (dezassete alunos) e com a Directora de turma.</p> <ul style="list-style-type: none">• Informar os alunos do trabalho em que irão colaborar e detalhar algumas regras de trabalho (as sessões gravadas em áudio e a estrutura das próximas quatro sessões)• Recolher dados de estrutura• Elaborar um instrumento de trabalho “<i>Planta do Espaço Físico Escolar</i>” com todos os alunos na sessão• Executar a actividade de relacionamento com a turma “<i>A Qualidade no Outro</i>”. |
| <p>Fase de execução das entrevistas de <i>Focus Group</i></p> <p>Realizar quatro sessões fora da sala de aula. As entrevistas partem da visualização de um vídeo “<i>What Bullies Do</i>”.</p> <ul style="list-style-type: none">• Entrevistar os quatro grupos de alunos. |



Fase de finalização das entrevistas de *Focus Group*

Última sessão realizada com toda a turma

- Agradecer a colaboração de alunos e professora.
- Realizar duas actividades de “*Coesão Grupal*” no recreio, com a professora e com todos os alunos: “*Amiba*” e “*Passagem no Rio*”.

Numa primeira análise dos resultados do questionário podemos salientar que, dos 58 alunos, 44 referem ser observadores (15 alunos no 7º ano e no 8º e 14 alunos no 9º ano). Observa-se que as três principais formas de agressão são o gozo, depois a ofensa e, por fim, a agressão física (Quadro 4).

Quadro 4 – Formas de agressão observadas

| Formas de agressão | (%) |
|--------------------|--------|
| Gozar | 64, 9% |
| Ofender | 61, 4% |
| Bater | 49, 1% |

Estes dados são corroborados pela análise das entrevistas (caixa 3).

Caixa 3 – Afirmações dos alunos durante as entrevistas de *focus grupo*

“Eles estão sempre a gozar a A. Ela é tontinha, vê-se logo. Toda a gente repara nisso e gozam-na. Chama-lhe de grossa, de boa, mas é mau!”

“Um rapaz negro todo os dias a ser gozado”;

“Há pessoas que fazem “Bullying” no Messenger”;

“Já vi um rapaz que devia estar no seu 5º ou 6º ano a bater e a gozar na fila para a papelaria. O agressor era maior mais robusto e com cara de mau e a vítima era mais pequena e magrinha”;

“Vejo muitas vezes os rapazes a baterem e a gozarem um rapaz gordinho”;

“Agressão física, onde o agressor é mais forte do que a vítima, maior e tudo!”;

“Muito sangue! O puto esticou-se para ele e apanhou”.

“Um gajo alto magro a dar pontapés na cabeça de um miúdo mais novo que era baixo e magro”.

A análise das entrevistas⁷ permitiu, entre outros dados, apreender as formas de pensar e de sentir quanto às situações de agressão observadas e identificar, na opinião dos alunos, as medidas tomadas pelos agentes educativos.

De um modo geral, podemos identificar que não fazer nada, não se envolver e somente observar ou rir da situação são os indicadores mais significativos associados ao sentimento de medo que conduz ao afastamento, como ilustram os seguintes testemunhos: “*Eu não faço nada, nada!*”; “*Quando são muitos e mais fortes, fico a ver, não me meto!*”; “*Só estamos habituados a ver! Fico parado a ver!*”; “*Eu começo-me a rir, dá graça!*”.

São escassos os testemunhos de alunos que reagem as situações como a que é manifestada por um deles:

“Ele ria-se. Mas houve uma altura que virei-me para ele: oh miúdo estás parvo ou quê? Já chega! Mas continuou a armar-se em parvo depois fui lá, começámos a andar à porrada e foi a minha primeira porrada aqui. Depois ele começou a chamar os colegas para me tentarem bater”.

A atitude de não reacção ao que se observa é também identificada pelos jovens relativamente aos adultos professores e auxiliares de acção educativa afirmando um deles que “*Não fazem, nem dizem nada para repreender os alunos*”. Para alguns, as preocupações dos professores prendem-se com o leccionar as matérias e a concretização dos planos de estudos referindo um deles que “*Os professores, muitas vezes dizem: Silêncio. Mas o que é que se passa aí?! Depois não digam que não foi dada a matéria que saiu no teste. Está sumariada, não volto a repetir!*” (em tom de ironia).

As afirmações dos alunos entrevistados revelam a importância da influência dos pares nesta questão afirmando um “*Não me meto, porque os outros dizem: não te metas, não te metas, deixa andar, deixa estar!*” e outro “*muitos disseram que fiz mal em separar. Nunca deves separar, deves deixá-los andar à pancada!*”.

As ideias propostas pelos alunos para reduzir situações de agressão na escola passam por reforçar a contratação de um maior número de funcionários, por sensibilizar os pais e professores para estratégias e/ou medidas preventivas

⁷ Estamos neste momento na fase de análise dos dados pelo que somente se apresentam alguns elementos ilustrativos da análise.



passando, como aponta um aluno, por reuniões com os professores para lhes ensinar como é que poderão agir nestas situações, sensibilizar os alunos e trabalhar com eles competências sócio-emocionais e aplicar medidas punitivas aos agressores como, por exemplo, acções de limpeza e/ou outros trabalhos comunitários na escola.

Estudo comparado entre Escolas Portuguesas e Brasileiras (subprojecto 4)

Uma das facetas interessantes deste projecto, fruto da publicação do questionário que construímos na primeira fase, tem sido a constante ligação com investigadores deste tema e educadores nele interessados, tanto nacionais como internacionais. Neste sentido, estabeleceu-se contacto entre a nossa equipa e o Grupo de Estudos sobre Agressividade (GEPA) da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (UNICAMP, S. Paulo, Brasil), coordenado pela Prof^a Dra. Elaine Prodócimo. Numa primeira fase o grupo brasileiro fez a adaptação do questionário para a variante linguística brasileira. Posteriormente, o questionário foi aplicado em duas escolas brasileiras (uma em S. Paulo e outra no Estado da Paraíba), a cerca de 350 alunos. Encontra-se presentemente em fase de aplicação em escolas do Estado de Minas Gerais. Os primeiros questionários aplicados no Brasil estão a ser analisados para posterior estudo comparativo com os resultados obtidos em Portugal.

Considerações Finais

Volvidos quase seis anos de desenvolvimento deste projecto, e apesar de se encontrar ainda em plena implementação, poderemos tentar fazer um certo balanço do mesmo, considerando os objectivos inicialmente traçados e os resultados efectivos.

No que respeita aos objectivos de carácter metodológico, conseguimos atingi-los, concretizando-os na construção e divulgação de um questionário que tem tido um enorme impacto, junto de investigadores e de educadores nacionais e internacionais. Como pretendíamos, experimentámos a utilização de técnicas de natureza qualitativa e interactiva, que se revelaram muito pertinentes para a compreensão desta problemática e para a orientação de planos de acção.

A dimensão colaborativa do projecto foi o motor do mesmo. Contudo, temos consciência que esta é a dimensão ao mesmo tempo mais desafiadora, mas também mais complexa e difícil dos projectos desta natureza. Estabelecemos parcerias com escolas cujos órgãos de gestão e educadores em geral são de uma enorme abertura à



investigação e também à mudança. As dificuldades residem no difícil ajustamento do calendário da investigação e da acção, que o espírito de colaboração e de abertura tem vindo a ajudar a superar.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. (1999). Portugal. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.). *The nature of school bullying: a cross-national perspective*. London: Routledge.
- Borg, M. G. (1999). The extent and nature of bullying among primary and secondary schoolchildren. *Educational Research*, 41(2), 137-153.
- Costa, M.E. & Vale, D. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Freire, I. P., Veiga Simão, A. M., & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º Ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Martins, M. J. D. (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Olweus, D. (2000). *Bullying at School*. Oxford: Blackwell Publishers, Ltd.
- Ortega Ruiz, R. (1998). Intervención educativa. El Proyecto Sevilla Anti-Violencia Escolar. *Cuadernos de Pedagogia*, 270, Junio, 60-65.
- Pereira, B.O., Almeida, A.T., Valente, L. & Mendonça, D. (1996). O bullying nas escolas portuguesas. Análise das variáveis fundamentais para a identificação do problema. In L. Almeida, J. Silvério & S. Araújo (Orgs.) *Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, pp. 71-81. Braga: Universidade do Minho.
- Pereira, B.O. (2002; 2008). *Para uma Escola sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Smith, P.K. & Sharp, S. (Eds.) (1998). *School Bullying. Insights and Perspectives*. London: Routledge.
- Smith, P. K. & Madsen, K. C. (1999). What causes the age decline in reports of being bullied at school? Towards a developmental analysis of risks of being bullied. *Educational Research*, 41(3), 267-285.
- Veiga Simão, A.M., Freire, I. & Ferreira, A.S. (2004). Maus-tratos entre pares na escola – um estudo contextualizado. *Actas do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas*, realizado em Basília, Brasil em 28 e 29 de Abril de 2004, patrocinado pela UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas e pela



Universidade Católica de Brasília (publicado em CD-ROM: 18076165 ISSN).